

## **IBN GABIROL E ASPECTOS FORMAIS DA POESIA HEBRAICA NA IDADE MÉDIA**

### **IBN GABIROL ON FORMAL ASPECTS OF HEBREW MIDDLE-AGE POETRY**

Pérola Wajnsztein Tápia<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

O objetivo deste trabalho é analisar, a partir de poemas de Salomon Ibn Gabirol (1021/22-1057/58), alguns aspectos formais da poesia judaica da Idade Média de acordo com o sistema quantitativo de versificação, cuja origem remonta à poesia greco-latina, considerando também aspectos da poesia bíblica, principalmente o paralelismo, que aparecem em diversos trabalhos desse autor.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Poesia, Hebraica, Idade Média, Rima, Métrica.

#### **ABSTRACT**

This work aims to analyse some form aspects of middle-age hebrew poetry, starting from Salomon Ibn Gabirol's work (1021/22-1057/58). The method used is quantitative versification - originated on classic latin-greek poetry, also considered to the process of analysis of biblic poetry, specially paralelism, present in many works of the refered author.

#### **KEY WORDS**

Poetry, Hebrew, Middle-age, Rhyme, Metrics.

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura Hebraica pela FFLCH-USP.

A partir da destruição do Segundo Templo, no ano 70 EC, os judeus espalharam-se por diversos lugares, entre eles a Península Ibérica, onde prosperava o comércio. Essa região, contudo, já havia sido habitada por judeus – assim como por gregos e romanos – muito séculos antes disso. Embora a língua nela predominante fosse o latim, entre os judeus vigorou o uso do ladino.

No século X era grande o número de judeus na Península Ibérica, que ali se concentraram por cerca de 400 anos. A cultura judaica floresceu particularmente nesse período, no qual surgiram diversos poetas e filósofos.

Viviam na Península Ibérica, nessa época, principalmente muçulmanos (após a invasão ocorrida no ano de 711 EC) e cristãos. Os judeus, sendo minoria, estavam sujeitos às políticas praticadas em cada local onde conviviam com um ou outro desses grupos, não sendo raros os casos de violência contra eles durante todo esse período. Em algumas comunidades, no entanto, a harmonia, mesmo que passageira, propiciou uma aproximação entre essas culturas, especialmente a judaica e a árabe, nos ramos da ciência, da medicina, da linguística e da filosofia.

Entre os escritores judeus medievais, distingue-se, no século XI, o filósofo e poeta Salomon Ibn Gabirol (1021/22-1057/58), do qual tomaremos poemas como objeto de estudo. Nascido em Málaga, de uma família originária de Córdoba – obrigada a se mudar por causa de perseguições aos judeus – Gabirol viveu na época posteriormente denominada “Idade do Ouro” do judaísmo espanhol, e figura entre os proeminentes intelectuais judeus que realizaram inúmeros trabalhos em diversos campos do conhecimento, sendo considerado o maior expoente da filosofia neoplatônica judaica na Espanha.<sup>2</sup>

As referências religiosas judaicas da obra de Ibn Gabirol aparecem principalmente em sua obra poética, escrita em hebraico. O idioma, reservado

---

<sup>2</sup> O Neoplatonismo é assim definido no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*: “escola filosófica alexandrina surgida no século II e em expansão até o século V, que interpreta o *platonismo* de forma mística e espiritualista, supondo a transcendência de um Deus que, por emanção, cria a realidade profana, e a possibilidade de que o ser humano, em um movimento de interiorização contemplativa e retorno às suas origens, restabeleça a união com a divindade (...)”.

inicialmente para a poesia litúrgica, teve seu uso estendido nessa época para a poesia laica e para alguns textos de outra natureza. O próprio Gabirol defendeu a utilização do idioma hebraico em seu poema “Anak” (“Colar”, escrito no ano de 1040), que adquire um significado especial por seu propósito: ao longo dos 400 versos que o compõem, o autor tenta estabelecer regras gramaticais para a utilização da língua hebraica.

Mas antes, contudo, de abordar os exemplos da produção de Ibn Gabirol sob o aspecto escolhido para este estudo, tratemos brevemente das identidades dos poetas hebraicos medievais e dos temas usados nessa época na poesia hebraica. Sobre o assunto, diz o estudioso Angel Sáenz-Badillos, da Universidad de Granada:

Escrever e até ler poesia hebraica exigia um profundo conhecimento de literatura tradicional judaica, um domínio técnico e uma sensibilidade poética que só era encontrada entre intelectuais muito preparados. Os poetas eram provenientes de qualquer classe social: eram membros de famílias ricas, profissionais (médicos, juizes, funcionários etc.) ou simplesmente pessoas que não tinham dinheiro e viviam deste ofício e iam de um lado a outro buscando seu sustento.

Superadas as dificuldades iniciais, os judeus andaluzes aceitaram com entusiasmo a nova forma de escrever poesia, considerando-a uma forma literária diferenciada.

Desejando imitar seus conterrâneos árabes, usavam em hebraico os mesmos temas: poemas de louvor ou panegíricos, ao estilo do árabe *qasida*,<sup>3</sup> cantando as virtudes de personagens ilustres, principalmente aquelas de seus mecenas; elegias, elogiando os méritos de uma pessoa falecida; canções de casamento, exaltando as qualidades do casal comemorando o casamento; canções de amizade, expressando a nostalgia da separação; poemas de amor que descrevem a beleza do amado ou da amada e a paixão que despertou no poeta; canções sobre os prazeres do vinho; natureza, flores, jardins ou água; sátiras sobre os vícios ou defeitos de uma pessoa ou de um grupo social; canções de guerra escritas a partir do campo de batalha, ou reflexões sobre questões éticas e ascéticas. Muitas vezes, o poeta judeu também expressara seus sentimentos e experiências pessoais. Muitas vezes,

---

<sup>3</sup> *qasida*: “poema que consiste na articulação de quadros que remetem a um assunto central que se vai evidenciando ao longo da composição: as partes se concatenam, obedecendo a rígido padrão formal, e, sem pretender uma síntese, busca alcançar o *objetivo*, o *propósito* (sentido literal de *qasida*)”. HANANIA, A.R. *A Jahiliya e a Cultura Árabe* in Revista Internacional d'Humanitats 18 jan-abr 2010 CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona. (No caso desta citação, como das demais em que não seja citado o tradutor, a tradução é minha.)

esses mesmos autores escreviam composições de conteúdo religioso para ser recitado ou cantado pelos judeus fiéis na liturgia da sinagoga.<sup>4</sup>

Apesar das transformações temáticas e estéticas ocorridas no período, em relação à tradição judaica, a poesia hebraica da Península Ibérica guardou algumas características da poesia bíblica. Entre estas, podemos destacar o uso de rimas no início ou no final dos versos, assim como de rimas e aliterações ao longo dos versos; e, também, a repetição morfológica ou a utilização de palavras de mesma raiz, recurso que caracterizava o *paralelismo*, forma poética percebida como tal em alguns textos da Bíblia Hebraica, como Salmos, Cântico dos Cânticos, Jó, Provérbios e Profetas (aparecendo, nesses dois últimos, de forma mais intermitente).

No paralelismo (que, para Hrushovski, seria a característica de composição que define o período da poesia bíblica),

Uma unidade poética consiste de dois (ou mais) versetos exibindo relações de equivalência em sua configuração rítmica (o número de sílabas tônicas), sua sintaxe e semântica, bem como em muitos outros aspectos, tais como o número de sílabas em palavras paralelas, repetição de sons e a morfologia. A poesia do período pós-bíblico é caracterizada por um número fixo de palavras em cada verso ou um número regular de sílabas tônicas, ou, ainda, por um padrão de quatro sílabas tônicas em cada verso, às vezes com mais de uma tônica em cada palavra longa.<sup>5</sup>

Para Robert Alter, o paralelismo não significa meramente uma repetição de palavras sinônimas, mas uma intensificação do sentido, além de uma opção estilística<sup>6</sup>; diz ele:

O maior obstáculo na abordagem da poesia bíblica tem sido a concepção errônea de que paralelismo implica sinonímia, ou seja, dizer o mesmo duas vezes com palavras diferentes. Meu argumento é que a boa poesia, em todas as épocas, é uma

<sup>4</sup> SÁENZ-BADILLOS, A. *Literatura y poesia judía*, disponível em: <<http://www.laespiral.es/web/pdf/contenidos/SALA%20DE%20LA%20PALABRA/ANGEL%20SAENZ-BADILLOS,%20Literatura%20y%20Poesia%20Judia.pdf>>, acesso em 18/12/2013.

<sup>5</sup> HRUSHOVSKI, B. *Note on the systems of Hebrew versification*. In *The Penguin Book of Hebrew Verse*, 1981.p.58.

<sup>6</sup> ALTER, R. *The art of Biblical Poetry*. Basic Books. Philadelphia, 2011. P. 9.

atividade intelectualmente robusta, para a qual a preguiça é estranha; que os poetas entendem, de modo mais sutil que os linguistas, que não existem sinônimos verdadeiros, e que os poetas hebreus antigos estão constantemente promovendo significados onde o ouvido ocasional capta a mera repetição.<sup>7</sup>

É importante assinalar que a atividade poética judaica nunca foi interrompida. Nos primeiros séculos da EC, já aparecem os *piyutim*, poemas cantados ou recitados usados no serviço litúrgico das sinagogas, principalmente para os sábados e as festas. As principais características desses poemas eram: “uma estrutura rigorosa das estrofes, um ritmo permanente baseado em um número fixo de palavras em cada linha e rima obrigatória.”<sup>8</sup> A rima funciona como um recurso mnemônico que facilita a utilização do *piyut* na sinagoga.

No período medieval, Hrushovski identifica outro modelo, baseado na poética árabe, adaptado para o idioma hebraico:

Na poesia secular o medidor foi quantitativo, ou seja, havia um padrão de sílabas longas e curtas ao longo de uma linha repetida em todas as linhas de um poema (semelhante ao sistema usado na poesia grega clássica). Sob a influência árabe na língua hebraica aqui enfatizada, aparece a diferença entre as vogais “breves” (Shva, hataf, e a conjunção u) e as vogais regulares, consideradas como “longas”. Esta distinção ignorou as tônicas, que foram o principal fator rítmico na poesia bíblica. O poema típico secular era um longo poema (*qasida*), que consiste de uma cadeia de linhas, cada uma composta por dois versetos metricamente equivalentes. (O *delet*, “porta”, e o *soger*, “fechada”). Cada poema tinha apenas uma rima repetida ao longo de suas dezenas de linhas, como um colar de contas.

---

<sup>7</sup> Op. cit., p. 658.

<sup>8</sup> Op. cit., p. 61.

Note-se que os esquemas de tais medidores quantitativos eram de dois tipos: o tipo regular, em que uma sílaba breve alternava com um número fixo de longas ao longo da linha, exceto na extremidade de cada delet e soger: (da direita para a esquerda)

— — — — — / — — — — — / — — — — — // — — — — — / — — — — — / — — — — —

e o tipo alternativo com dois pés alternados:<sup>9</sup>

— — — — — / — — — — — // — — — — — / — — — — — / — — — — —

Raphael Loewe<sup>10</sup> destaca, como característica da poesia hebraica desse período, esse mesmo sistema métrico quantitativo nas duas primeiras linhas do poema (de autoria desconhecida) “Adon Olam”<sup>11</sup>, formadas, segundo ele, pela repetição de pés métricos jambos + espondeus:

— — — — — / — — — — — // — — — — — / — — — — —

אָדוֹן עוֹלָם אֲשֶׁר מְלִיךְ

בְּטָרְם כָּל יְצִיר נְבִרָא

### A poesia de Ibn Gabirol: exemplos

Como observou Sáenz-Badillos, os poetas judeus da Idade Média escreviam sobre muitos assuntos, mesmo que estes não lhes fossem familiares. Ibn Gabirol não seria exceção a esse modo de proceder, mesmo porque a produção literária era seu único meio de sustento. O poeta viveu uma situação muito particular: sofria de uma doença desfigurante que o atormentava com inúmeras feridas na pele, e que o obrigou

<sup>9</sup> Op.cit. p. 63.

<sup>10</sup> LOEWE, R. *Ibn Gabirol*. Grove Weidenfeld, 1989 P. 167.

<sup>11</sup> Embora atribuído por alguns autores a Ibn Gabirol, não há certeza quanto a sua autoria.

a isolar-se do convívio social. Embora tenha obtido ajuda de amigos e mecenas após a morte de seus pais, sobrevivia escrevendo poemas e vendendo-os, o que provavelmente o obrigaria a criar dentro de uma diversidade de temas que favorecesse os interesses dos potenciais consumidores. Sua produção poética inclui poemas seculares e litúrgicos; entre os primeiros, encontram-se poemas de lamentação, panegíricos, poemas em honra de personagens ilustres, poemas de amizade e separação, elegias, poemas amorosos e poesia moral, entre outras modalidades; entre os religiosos, acham-se poemas de tema messiânico, de amor a Deus, de desterro e liberação etc.<sup>12</sup>

A fim de ilustrar a variedade das composições do poeta, e observar sua poesia – conforme a proposta deste artigo – sob o aspecto da versificação adotada, apresentarei três exemplos de poemas seus metrificados, e um em prosa rimada. Para o estudo de tais poemas, serão consideradas as informações sobre as características formais da poesia hebraica já brevemente apresentadas.

### 1. “Eu sou o príncipe”

#### אני השר

— — — — — / — — — — — / — — — — —  
אני השר – והשיר לי לעבד,  
אני כנור לכל שרים ונוגנים  
ושירי כעטרה למלכים  
ומגבעות בראשי הפגנים.  
והנני בשש עשרה שנותי –  
ולבי בן קלב בן-השמנים!

Como se pode observar, o poema é composto por versos hendecassílabos, que apresentam regularidade na distribuição de sílabas longas e breves; tal maneira uniforme de metrificação, diga-se, encontra correspondência nos exemplos de poemas dessa mesma época apresentados por Hrushovski e Loewe. Considerando-se que a origem do sistema quantitativo de versificação – ou seja, baseado na quantidade de

<sup>12</sup> Para verificação das modalidades de poemas criados por Gabirol, veja-se: SAENZ-BADILLOS, Angel. El alma lastimada: Ibn Gabirol. Córdoba: Ediciones El Almendro, 1992.

duração das sílabas – tem sua origem na poesia greco-latina, e que, conforme se pode supor, a poesia árabe tenha realizado adaptações do referido sistema, podemos considerar que Gabirol, embora tão jovem à época de criação do poema, era familiarizado com os padrões métricos tradicionais. No sistema de metrificação greco-latina, poderíamos dizer que a unidade métrica destes versos seria o pé<sup>13</sup> epitrito primeiro (com sete tempos: uma sílaba breve e três longas), que pode ser visto (como o fez Raphael Lowe, em relação a “Adon Olan”) como uma combinação de um jambo e um espondeu.

O poema apresenta rimas comuns em “ד” no final do 2º, 3º, 4º e 6º versos. Além disso, fica evidente o eco da poesia bíblica em termos de paralelismo semântico entre pares de versos (apresentados, aqui, em tradução livre<sup>14</sup>):

Eu sou o príncipe e a poesia é minha escrava,  
Eu sou a harpa para todas as cortes musicais.  
Meus poemas são como coroas de reis,  
chapéus nas cabeças dos poderosos.  
Aqui estou, tenho dezesseis anos –  
mas meu coração compreende como o de um octogenário!

Como é evidente, os pares de versos dialogam entre si, constituindo uma ênfase no discurso do poeta; pode-se identificar esse procedimento com um dos modos do referido paralelismo bíblico.

Assim, o primeiro verso está conectado ao segundo pelas palavras: príncipe (ministro), escrava e cortes. O terceiro verso está conectado ao quarto verso pelas palavras: coroas de reis e chapéus.

---

<sup>13</sup> Veja-se, para esclarecimento, uma definição de “pé”: “designa a unidade rítmica e melódica do verso, composta de um grupo de sílabas. Remonta aos gregos e romanos, que mediam os versos em sequências temporais separadas por intervalos regulares. Cada sequência, ou célula métrica, compunha-se de duas ou mais sílabas, cuja mensuração pelo tempo dispendido na sua prolação. Assim, as sílabas longas, simbolizadas pelo sinal “–”, duravam o dobro das breves, representadas pelo sinal “U”.” (MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1978.)

<sup>14</sup> A presente tradução considera como referência, além do original hebraico, as versões de Peter Cole e Angel Saenz-Badillos para o inglês e o espanhol, respectivamente.



No caso dos últimos versos em que aparecem números, Robert Alter destaca uma regra quase invariável de construção visando intensificar ideia através da colocação de um número menor e outro bem maior. Alter menciona alguns exemplos desse tipo de construção na Bíblia Hebraica:

Deuteronômio 32:30 – “Como pode um só homem perseguir mil,/ e dois porem em fuga dez mil.”

Ou ainda em 1 Samuel 18:7 – “Saul matou mil,/mas Davi matou dez mil”<sup>15</sup>

## 2. “*Shalom*, meu amado”

### שְׁלוֹם לְךָ דוּדִי

— — / — — / — — // — — / — — / — —

שְׁלוֹם לְךָ דוּדִי הַצַּח וְהַאֲדָמוֹן  
 שְׁלוֹם לְךָ מֵאֵת רִקְהָ כְּמוֹ רִמּוֹן  
 לְקִרְאֵת אַחוּתְךָ רוּיָ צָא נָא לְהוֹשִׁיעָה  
 וְצִלַּח כְּבֵן יִשְׂרָאֵל רַבֵּת בְּנֵי עַמּוֹן  
 מֵה לְךָ יִפְהַפְיָה כִּי תַעֲוֹרְרִי אֶהְבֶּה  
 וְתִצְלַצְלִי קוֹלְךָ כְּמַעִיל בְּקוֹל פְּעַמּוֹן  
 הַעֵת אֲשֶׁר תַּחְפֹּץ אֶהְבֶּה אַחִישְׁנָה  
 עֵתָה וְעֵלְיָךְ אֲרַד כְּטַל חֶרְמוֹן

O poema “*Shalom Lekhá Dod*” (“*Shalom*, meu amado”) inicia-se com um diálogo com o texto bíblico do Cântico dos Cânticos (5:10): “O meu amado é branco e rosado; ele é o primeiro entre dez mil”<sup>16</sup>, e prossegue dialogando com o mesmo Cântico (4:3): “Os teus lábios são como um fio de escarlata, e o teu falar é agradável; a tua fronte é qual um pedaço de romã entre os teus cabelos”. Dialoga, também, com o texto bíblico:

<sup>15</sup> ALTER, R. Guia Literário da Bíblia. Editora Unesp. 1987. p. 659.

<sup>16</sup> FERREIRA DE ALMEIDA. J. Bíblia Sagrada. Sociedade Bíblica do Brasil. Rio de Janeiro, 1969.

em Jeremias (49:2) – “Portanto, eis que vêm dias, diz o Senhor, em que farei ouvir em Rabá dos filhos de Amom o alarido de guerra, e tornar-se-á num montão de ruínas, e os lugares da sua jurisdição serão queimados a fogo; e Israel herdará aos que o herdaram, diz o Senhor”; e em Salmos (133:3) – “Como o orvalho de Hermom, e como o que desce sobre os montes de Sião, porque ali o Senhor ordena a bênção e a vida para sempre”.

Quanto à configuração métrica do poema, se a análise for feita com base no sistema quantitativo, observa-se que as sílabas longas estão presentes de maneira uniforme em todos os versos. Nos padrões greco-latinos, os pés métricos presentes nesse poema seriam o espondeu (— —) e o iambo ou jambo (— ∪). (Lembre-se que, como observa Hrushovski, as vogais breves são representadas pela presença de shva, hataf, e a conjunção u.)

Se for adotada uma leitura baseada no sistema qualitativo, silábico-acentual, utilizado nos idiomas neolatinos (como o português), os versos do poema corresponderão ao padrão do verso dodecassílabo com cesura na sexta sílaba, compondo, portanto, dois segmentos hexassílabos, como no modelo do verso alexandrino. A possibilidade de correspondência entre dois sistemas não cognatos de versificação – diga-se – aponta para possíveis origens comuns dos esquemas rítmicos.

### 3. “Escrevendo o outono”

#### כתב סתיו

— — — ∪ — / — ∪ — — / — ∪ — — // — — — ∪ — / — ∪ — — / — ∪ — —

כתב סתיו בדי' מטרו וברבי'ו  
 ובעט ברקיו המאירים וכף עביו  
 מכתב עלי גן מתכלת וארגמן  
 לא נתקנו כהם לחשב במחשבו  
 לכן בעת חמדה אדמה פני שחק  
 רקמה עלי בדי ערוגות פכוכביו.

Este poema descreve metaforicamente a relação entre o céu e a terra; o ciúme da terra ao ver a escrita divina realizada com as mãos das nuvens, a pena dos raios e a tinta da chuva, nas cores celestes do azul e púrpura no céu. Para compensar as cores e as estrelas do céu, o criador colocaria flores na terra, como se fossem estrelas em canteiros coloridos. Veja-se uma tradução livre do poema:

Com a tinta de orvalhos e chuvas,  
com a pena de seus raios,  
com a mão de suas nuvens,  
o outono grafou uma carta sobre o jardim, em azul e púrpura.  
Nenhum artista poderia criar algo assim.  
E é por isso que a terra enciumou-se do céu,  
E bordou estrelas nos canteiros de flores.

O diálogo com o texto bíblico já se revela na referência às cores azul e roxo (ou púrpura), mencionadas em diversos livros bíblicos: Êxodo (25, 26, 27, 28, 35, 36, 39, 40), Ezequiel (27), Jeremias (10) e Crônicas 2 (3). Tais cores se relacionam ao povo judeu e às suas tradições; utilizadas principalmente nos paramentos religiosos, foram, na modernidade, escolhidas para compor a bandeira do Estado de Israel, a partir da referência bíblica. De acordo com Rashi (Rabi Shlomo Yitzhaki), nascido na França em 1040 e comentarista do texto da Bíblia, o azul (תְּכֵלֶת) seria proveniente de um molusco da mesma cor e o roxo (אַרְגָּמָן), de um corante usado na época bíblica.<sup>17</sup>

Do ponto de vista formal, o poema apresenta aliterações que participam de sua configuração rítmica: a repetição de sons em “t (ת)” e “v (ב e ו)” ocorre no meio e no final dos versos (esse recurso estilístico, utilizado na poesia de diferentes épocas e origens, participa, como se sabe, da percepção de ritmos, por meio da repetição de fonemas semelhantes).

---

<sup>17</sup> Parashah Terumah.

A análise métrica dos versos revela sua composição baseada no pé que se denominaria, na tradição greco-latina, epitrito terceiro (— — ∪ —), acompanhado de mais uma sílaba longa na terceira ocorrência; o pé utilizado pode ser visto como a associação de um espondeu (— —) e um jambo (∪ —), e a variante mais longa, como a junção de um espondeu e um bráquio (∪ — —).

Apesar de os poetas hebreus da Idade Média terem usado a fórmula da *qasida* para poemas com temas seculares, eles a usaram também para temas religiosos, diferentemente dos poetas árabes, que a reservavam exclusivamente à temática secular. A grande quantidade de versos da *qasida* contribuía para enfatizar a ideia que se queria transmitir; esses poemas se assemelham às odes<sup>18</sup> da Grécia antiga, que eram poemas longos cantados ou recitados, divididos frequentemente em três partes.

Os poetas árabes costumavam abordar um tema erótico logo no início da *qasida* para despertar a atenção do leitor; no caso dos poetas hebreus, a introdução não era usada apenas como ornamento, e já era parte integrante do poema como um todo. Dan Pagis, em *Secular Poetry and Poetic Theory: Moses Ibn Ezra and His Contemporaries*,<sup>19</sup> descreve os principais modos de integração do poema, mencionando a integração formal baseada em rima e metro, bem como a unidade temática por ele denominada “*unity of atmosphere*”, e as ligações entre os versos, diferentes do modelo árabe<sup>20</sup>.

#### 4. “Coroa Real”

O poema mais complexo de Ibn Gabirol é “Keter Malkhut” (“Coroa Real”). Apesar de seu conteúdo filosófico, ele não pode ser analisado como uma simples

---

<sup>18</sup> O Dicionário Eletrônico Houaiss dá as seguintes definições para “ode”: “entre os antigos gregos, poema lírico destinado ao canto; poema lírico composto de estrofes de versos com medida igual, sempre de tom alegre e entusiástico”.

<sup>19</sup> PAGIS, D. *Secular Poetry and Poetic Theory: Moses Ibn Ezra and His Contemporaries*, Ed. Bialik, 1970.

<sup>20</sup> Nesse modelo, cada verso deve ter, por si só, um sentido completo, e o verso seguinte pode começar com a mesma forma e acrescentar algo novo, encadeando-se assim os assuntos. Normalmente, na poesia árabe, a *qasida* é composta de duas partes: uma introdução e a parte principal, tematicamente diferentes, mas ligadas pelo metro uniforme e o esquema rímico.

representação religiosa do pensamento do autor, pois apresenta, no plano formal, uma sofisticada construção poética, embora sem metro uniforme, com rimas agrupadas nos finais dos versos. Embora se distingam, na produção do autor, a obra poética e a filosófica, há temas comuns a ambas: a unidade divina, a emanção e a sabedoria divina.

O poema em questão é composto por 40 cantos; cada um deles incorpora uma citação bíblica ou religiosa, que na maioria das vezes aparece no verso final; por vezes, mais de uma citação podem ser encontradas em mais de um verso do mesmo canto.

Ibn Gabirol escreveu a seguinte introdução para seu poema:

\_\_\_\_\_ 21

בתפילתי יסֶן-גָּבֵר, /  
 פִּי בָהּ יִלְמַד יִשְׁר וְזָכוֹת.  
 סִפְרֹתַי בָּהּ פְּלֵאֵי אֵל חַי /  
 בְּקִצְרָה אֵךְ לֹא בְּאֲרִיכוֹת.  
 שְׁמִתִּיהָ עַל רֹאשׁ מְהֻלְלֵי /  
 וְקִרְאֹתֶיהָ כְּתֹר מַלְכוֹת.

Leiam-se os versos em tradução livre:

Com minha prece aprenderá o homem,  
 Porque através dela aprenderá retidão e direitos.  
 Com ela contei as maravilhas do Deus vivo,  
 Resumidamente, sem me alongar.  
 Eu a coloquei no topo das minhas prioridades  
 E a chamei de coroa real.<sup>22</sup>

Ao incluir uma introdução, Gabirol utiliza-se do modelo da *qasida*, mas preserva sua forma judaica, pois o tema da introdução é o mesmo tema a ser desenvolvido no poema. Note-se a rima comum no final do 2º, 4º e 6º versos, configurando-se um esquema de rimas alternadas. Esse poema também poderia ser tratado como uma “Ode a Deus”.

<sup>21</sup> Escansão proposta por Raphael Loewe. Op. cit. p. 119.

<sup>22</sup> Tradução de Israel e Ana Zigman.

Tomarei como exemplo, para breve análise, o primeiro canto, no qual são descritos os atributos divinos e a beleza da criação. O verso inicial corresponde à citação de Salmos 139:14, e o verso final corresponde à citação bíblica de Êxodo 2:2:

נפלאים מעשיך ונפשי יודעת מאד  
ותרא אתו כי-טוב הוא, ותצפנהו

Nesse canto, as rimas estão agrupadas ao final de cada verso: no início, são sete versos sequenciais com terminação “od”; em seguida, aparecem três versos terminados em “ma”, dois em “kha”, quatro em “on”, dois em “eh”, dois em “ul” e dois em “uh”. Além disso, há onze ocorrências de “Lekha” no início dos versos:

א

נפלאים מעשיך ונפשי יודעת מאד: /  
 לך !! הגדלה והגבורה והתפארת והנצח וההוד /  
 לך !! הממלכה והמתנשא לכל לראש והעשר והקבד /  
 לך ברואי מעלה ומטה יעידו, כי המה יאבדו ואתה תעמד.  
 לך הגבורה אשר בסודה נלאו רעיונינו לעמד, /  
 כי עצמת ממנו מאד. /  
 לך חביון העז הסוד והיסוד!  
 לך השם הנעלם ממתי חכמה /  
 והכח הסובל העולם על בלימה /  
 והיכלת להוציא לאור כל-תעלומה.  
 לך החסד אשר גבר על ברואיך /  
 והטוב הצפון ליראיך.  
 לך הסודות אשר לא יכילם שכל ורעיון /  
 והחיים אשר לא ישלט עליהם כליון /  
 והכסא הנעלה על כל-עליון /  
 והנה הנסתר ברום חביון.  
 לך !! המציאות אשר מצל מאורו נהיה כל הנה, /  
 אשר אמרנו בצלו נהיה.  
 לך שני העולמים אשר נתת ביניהם גבול: /  
 הראשון למעשים והשני לגמול.  
 לך הגמול אשר גנזת לצדיקים ותעלימהו /  
 ותרא אתו כי טוב הוא – ותצפנהו

Segue-se o canto em tradução ao português, por Carlos Ortiz:

Maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe, ó Deus!  
A ti a grandeza, a pujança, beleza, majestade e eternidade!  
A ti, ó Deus, o reino de tudo o que se eleva sobre as nossas cabeças, a opulência e a glória!  
A ti, as criaturas da terra e as criaturas do céu testemunham que perecerão, mas tu permanecerás!  
A ti a força, cujo segredo causa nossos espíritos débeis demais ante a tua pujança!  
A ti, a misericórdia, que opera sobre as tuas criaturas, e a bondade que dedicas aos que te temem!  
A ti, a existência, essa luz cuja sombra serviu para criar todos os seres e da qual dizemos: Vivamos à tua sombra!  
A ti, os dois mundos, entre os quais fizeste uma fronteira: O primeiro para as obras, o segundo para a recompensa!  
Tu és Único, Ponto de partida de todo número, base de todo edifício!  
Tu és Único, e o sábio de coração permanece assustado com o segredo de tua Unidade, porque ninguém sabe o que ela é!  
Tu és Único, e tua unidade não diminui nem aumenta. Nada se lhe acrescenta, dela nada se tira.  
Tu és Único, não como algo que se possui e que se conta, pois de ti não se concebe crescimento algum, mudança alguma, nenhuma qualidade, nenhum atributo.  
Tu és subsistente, e não há ouvido que te ouça, não há olhar que te veja, não há onde, nem como, nem porque, que se possa dizer de ti.  
Tu és subsistente, mas em ti mesmo, e nenhum outro contigo.  
Tu és subsistente, foste antes que o tempo fosse, és sem lugar e enches o espaço!  
Tu és subsistente, e o teu segredo, que ninguém sabe, quem o pode atingir?  
Profundamente profundo, quem lhe toca as entranhas?  
Tu és vivo, mas não desde um tempo dado, não desde uma data conhecida, nem por um sopro, nem por uma alma, porque tu és a alma da própria alma.  
Tu és vivo, não da vida do homem, parecida com o nada, cujo termo é a podridão.  
Quem souber o teu segredo, beberá delícias eternas, comerá e viverá para sempre!  
Tu és grande, acima de toda grandeza, mais alto do que qualquer louvor! Ante a tua grandeza, toda grandeza é pequenez, toda excelência desfalece!  
Tu és luz, e ver-te-ão os olhos da alma pura. Mas ficarás oculto aos olhos vendados pela nuvem do pecado.  
Tu és a luz invisível neste mundo visível, e luz visível do mundo invisível.<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> ORTIZ, Carlos. *In Quatro Mil Anos de Poesia*. Organização J. Guinsburg. Editora Perspectiva, 1969.

Segundo Angel Saenz-Badillo<sup>24</sup>, o poema foi escrito em prosa rimada, e apresenta a seguinte estrutura, dividida em três partes:

Primeira parte (1-9), hínica, sobre os atributos divinos, dividida em: introdução; Deus é um; existência de Deus; é vivo; é grande; é poderoso; é luz; é forte; é sábio.

Segunda parte (10-32), cosmológica, descrição da obra da criação: a terra, a lua, o sol, os planetas, as constelações, a esfera móvel, a esfera do intelecto, os anjos, o trono da Glória Divina, as almas dos justos, o lugar de castigo, a alma e o corpo.

Terceira parte (33-40), o homem perante Deus: a luta contra a concupiscência no homem, insignificância do ser humano, súplicas penitenciais.

Como já foi dito, uma das características essenciais do poema é a inclusão de citações bíblicas em todos os cantos que o compõem. São apresentadas, a seguir, as citações encontradas<sup>25</sup> em cada um dos 40 cantos:

Canto 1 – Salmos 139:14 Êxodo 2:2	נפלאים מעשיך ונפשי יודעת מאד ותרא אתו כי טוב הוא – ותצפנהו
Canto 2 – Êxodo 16:5 Salmos 39:2 Eclesiastes 4:10	כי לא ידעו מה הוא אשמרה דרכי מחטוא בלשוני ואילו האחד שיפול
Canto 3 – Eclesiastes 7:24	עמוק עמוק מי! מצאנו?
Canto 4 – Gênesis 3:22	ואכל, וחי לעלם
Canto 5 – Talmud da Babilônia - 2	כל-תהלה ומרומם על
Canto 6 – Gênesis 6:4	המה הגבורים אשר מעולם
Canto 7 – Gênesis 22:14 Números 23:13	בהר !! יראה אפס קצהו תראה וכלו לא תראה
Canto 8 – Eclesiastes 3:20	הכל הולך אל מקום אים
Canto 9 – Êxodo 26:4	בשפת היריעה, הקיצונה, במחברת
Canto 10 – Eclesiastes 1:6 Gênesis 2:10	סובב סובב הולך הרום ומשם יפרד והיה לארבעה ראשים

<sup>24</sup> SAENZ-BADILLO, A. *El alma lastimada: Ibn Gabirol*. Ediciones El Almendro. Córdoba, 1992. P. 103.

<sup>25</sup> A relação inclui citações identificadas por meio de pesquisa própria, posteriormente cotejada com algumas das referências estabelecidas por Angel Saenz-Badillo, op. cit., pp. 101-114.



Canto 11 – Salmos 145:12	הוֹדִיעַ לְבְנֵי הָאָדָם גְּבוּרֹתָיו
Canto 12 – Eclesiastes 5:7	כִּי גְבַהּ מֵעַל גְּבַהּ שׁוֹמֵר וּגְבֵהִים
Canto 13 – Provérbios 1:4	נוֹתֵן לְפִתְאִים עֲרֻמָּה, לְנֹעַר דַּעַת וּמִזְמָה
Canto 14 – Isaías 61:10 Deuteronomio 33:14	כְּלִיָּהּ וּכְפִלָּה תַעֲבֶדָה וּמִמְגֵד, תְּבוֹאֵת שְׁמֶשׁ; וּמִמְגֵד, גֶּרֶשׁ יְרֻחִים
Canto 15 – Ester 2:14	בְּעֶרְבֹה הִיא בָּאָה, וּבְבֹקֶר הִיא שָׁבָה
Canto 16 – Gênesis 24:10	וְכָל-טוֹב אֲדִנְיוֹ בְּיָדוֹ
Canto 17 – Salmos 19:6	וְהוּא כֹחֵתֵן יוֹצֵא מִחֶפְתּוֹ
Canto 18 – Provérbios 1:16	כִּי רַגְלֵיהֶם לַרַע יִרְצוּ וַיִּמְהָרוּ לְשִׁפְךָ דָּם.
Canto 19 – Salmos 9:9	וְהוּא יִשְׁפּוֹט תִּבְלַל בְּצִדִּיק
Canto 20 – Isaías 29:21	לְעַבְדֵי עֲבָדְתוֹ / נִכְרִיָּה עֲבָדְתוֹ!
Canto 21 – Números 4:49	אִישׁ אִישׁ עַל עֲבָדְתוֹ וְעַל מִשְׁאוֹ.
Canto 22 – Jonas 2:1 Gênesis 17:20	יְהוָה דָּג גְּדוֹל שָׁנִים עֶשֶׂר נִשְׂאִים
Canto 23 – Isaías 40:17	מֵאֲפֹס וְתִהְיֶה נִחְשָׁבוּ לוֹ
Canto 24 – Gênesis 4:7	וְאֵלֶיךָ תִּשְׁוֹקֶתוּ
Canto 25 – Gênesis 3:24 Prece da Amidah	בְּיָדָם לֵהֵט הַחֶרֶב הַמִּתְהַפֶּכֶת מוֹדִים אֲנַחְנוּ לָךְ, שְׂאֵתָה אֱלֹהֵינוּ / אֵתָה עֲשִׂיתָנוּ / וְלֹא אֲנַחְנוּ / וּמַעֲשֵׂה יָדְךָ כָּלֵנוּ. וְכִי אֵתָה אֲדִנְיוֹ-וְאֲנַחְנוּ עֲבָדֶיךָ / וְאֵתָה בּוֹרְאָנוּ – וְאֲנַחְנוּ עַדֶיךָ."
Canto 26 – Êxodo 34:3	וְאִישׁ לֹא יַעֲלֶה עִמָּךְ
Canto 27 – Números 13:27	וְגַם זָבַת חֶלֶב וּדְבַשׁ הִיא זָזָה פְּרִיָּהּ.
Canto 28 – Habacuque 1:12	וְצוֹר, לְהוֹכִיחַ יִסְדֶּתוֹ
Canto 29 – Êxodo 19:18	מִפְּנֵי אֲשֶׁר יָרַד עָלָיו יי בָּאֵשׁ
Canto 30 – Levítico 12:4	בְּכָל- קִדְשׁ לֹא תִגַּע וְאֵל הַמִּקְדָּשׁ לֹא תִבֵּא עַד מִלֵּאת יְמֵי טְהָרָהּ.
Canto 31 – Êxodo 25:11	מִבֵּית וּמִחוּץ תִּצְפֹּנוּ
Canto 32 – Samuel 1 – 29:4	וּבִמָּה יִתְרַצֶּה אֵל אֲדִנְיוֹ? הֲלֹא בְּרֹאשֵׁי
Canto 33 – Salmos 78:39	רוּחַ הוֹלֵךְ וְלֹא יִשׁוּב
Canto 34 – Reis 1 – 8:34 Neemias 9:33	אֵתָה תִשְׁמַע הַשָּׁמַיִם וְסִלַּחַת וְאֵתָה צְדִיק עַל-כָּל-הַבָּא עָלָי, כִּי אָמַת עָשִׂיתָ וְאֵנִי הִרְשַׁעְתִּי!
Canto 35 – Levítico 11:33	וְכָל-אֲשֶׁר בְּתוֹכוֹ יִטְמָא
Canto 36 – Números 22:6	אוּלֵי אוֹכַל נֶכֶח בּוֹ וְאֶגְרָשׁנוּ.
Canto 37 – Eclesiastes 3:15 Isaías 53:4	וְהֵאֱלֵהִים יִבְקֹשׁ אֶת נִרְדָּף נְגוּעַ מִכָּה אֱלֹהִים וּמַעֲנָה
Canto 38 – Salmos 128:2	יִגִּיעַ כְּפִיךָ כִּי תֹאכַל?
Canto 39 – prece usada para iniciar uma petição	יְהִי רָצוֹן מִלְּפָנֶיךָ, יי אֱלֹהֵי
Canto 40 - Amidah	יְהִיו רָצוֹן אֲמָרֵי פִי וְהִגִּיוֹן לִבִּי לְפָנֶיךָ, יי צוּרֵי

Fica claro que a filosofia desenvolvida por Ibn Gabirol está presente nesse poema; embora ele não tenha mencionado sua religião no texto de *Mekor Khaim* – “Fonte da vida”, denominação do livro que representa sua obra filosófica –, a sua religiosidade integra ambas essas obras.

Nos cantos finais do poema, cujos temas predominantes são súplica, prece, pecado e arrependimento, a estrutura do poema se assemelha muito à estrutura dos Salmos Bíblicos e trazem, portanto, o eco da poesia bíblica mesclado a outras formas de poesia desenvolvidas posteriormente pelos poetas judeus, desde o que se convencionou chamar poesia pós-bíblica.

Robert Alter, em seu *Guia Literário da Bíblia*,<sup>26</sup> comenta que os salmos de sabedoria e os salmos de súplica mantêm uma relação muito próxima; assim, nos salmos de sabedoria, aparece um “bom número de súplicas”.

Comenta Alter:

Uma breve consideração da súplica pode sugerir a gama de usos que um único gênero salmódico pode ter. A súplica é essencialmente um lamento poético de sofrimento ao Senhor em tempos de necessidade crítica. Ela pode ser curta ou longa; refere-se com frequência a inimigos, mas estes podem adversários reais ou tipos vagos sorrateiros, tramando de alguma forma contra o recitador, e ainda simplesmente detratores malignos que seriam levados em triunfo caso ele sucumbisse à doença física.

Para exemplificar, usarei o canto 39, que apresenta no primeiro verso uma frase básica para iniciar um pedido a Deus:

יהי רצון מלפניך, יי אלהי, לשוב עלי ברחמיך /  
 ולהשיבני בתשובה שלמה לפניך /  
 ולתתנתי תכין לבי, תקשיב אזנך /  
 ותפתח לבי בתורתך /

<sup>26</sup> ALTER. R. *Guia Literário da Bíblia*. Editora Unesp, São Paulo, 1997. P.267.

וְתַטַּע בְּרַעֲיוֹנֵי יְרֵאֲתָךְ,  
 וְתַגְזֵר עָלַי גְּזֵרוֹת טוֹבוֹת /  
 וְתַבְטֵל מֵעָלַי גְּזֵרוֹת רַעוֹת,  
 וְאַל תְּבִיאֵנִי לַיְדֵי נַסְיוֹן /  
 וְלֹא לַיְדֵי בְזִיוֹן,  
 וּמְכַל-פְּגָעִים רָעִים הֲצִילֵנִי /  
 וְעַד יַעֲבֹר הַזֹּאת בְּצִלְךָ תִּסְתִּירֵנִי,  
 וְהִיא עִם פִּי וְהִגְיוֹנִי /  
 וְשֹׁמֵר דְּרָכֶי מַחֲטֹאא בְּלִשׁוֹנִי.  
 וְזַכְרֵנִי בְּזִכְרוֹן עֵמֶךָ /  
 וּבְבִנְיָן אוֹלְמָךְ,  
 לְרֵאוֹת בְּטוֹבוֹת בְּחִירֶיךָ /  
 וְזַכְּנֵי לְשֹׁחַר דְּבִירֶךָ הַשָּׁמַיִם וְהַחֲרֵב, וְלְרֵצוֹת אֲבֹנָיו וְעַפְרוֹתָיו /  
 וְרַגְבֵי חֲרָבוֹתָיו /  
 וְתַבְנֶה שׁוֹמְמוֹתָיו.

As rimas estão agrupadas no final dos versos: cinco em “kha”, duas em “of”, duas em “on”, quatro em “ni”, mais três em “kha” e três em “iv”. Além disso, o canto contém onze versos iniciados por ך e 6 por ם.

Se a ótica a ser observada for a do agrupamento de palavras complementares ou de mesmo significado, como nos salmos, ou seja, o paralelismo, podemos observar alguns pares de palavras que cumprem esse requisito, anotados em negrito no último canto do poema.

## Referências Bibliográficas

- ALTER R. Guia Literário da Bíblia. Editora Unesp, São Paulo, 1997
- ALTER, R. The art of Biblical Poetry. Basic Books, 2011.
- CAMPOS. J.L. *El judaísmo español através de sus poetas*. Revista de La Facultad de Filosofía y Humanidades. nº 49 Universidad de Chile, 2009
- GISBERT, R.R. *Salomon Ibn Gabirol*. Ed. Isla de Arriaran. Revista Cultural y científica. 2009
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*.
- LOEWE, R. *Ibn Gabirol*. Grove Weidenfeld, London, 1989.

PAGIS, D. *Secular Poetry and Poetic Theory: Moses Ibn Ezra and His Contemporaries*, Ed. Bialik, 1970

Stanford Encyclopedia of Philosophy, (Spring 2013 Edition), Edward N. Zalta (ed.)

SÁENZ-BADILLOS, A. Literatura y poesia judia. Artigo de página publicada por meios eletrônicos.

SAENZ-DADILLOS, A. El alma Laastimada: Ibn Gabirol. Ediciones El Almendro, Córdoba, 1992

The Penguin Book of Hebrew Verse, Penguin, London, 1981

WEDECK H. E. *The Fountain of Life (Fons Vitae)* (excerpt), by Solomon Ibn Gabirol, Philosophical Library, New York, 1962

ZANGWIL, I. *Selected Religious Poems of Solomon ibn Gabirol*, Jewish Publication Society, 1974